

---

# DO SÉCULO XIX AO SÉCULO XXI: AS MULHERES OU OS “SILÊNCIOS DA HISTÓRIA” DO ESPIRITISMO NA CIDADE DE GOIÁS\*

---

CLOVIS CARVALHO BRITO\*\*

*Resumo: este artigo visualiza o modo como as mulheres consistiram em agentes fundamentais na divulgação e consolidação do espiritismo na cidade de Goiás, recuperar alguns indícios de sua participação e retirá-las, de algum modo, dos “silêncios da história”. Como estratégia metodológica optamos pela reconstrução de trajetórias de vida de homens e mulheres que se tornaram exemplares a partir de documentos dispersos em acervos públicos e particulares e, assim, reconstruir nesses itinerários cruzados aspectos significativos dos primórdios do espiritismo na cidade de Goiás..*

*Palavras-chave: Espiritismo. Mulheres. Goiás.*

**L**ançar luzes sobre a trajetória do espiritismo na cidade de Goiás a partir da reconstrução dos itinerários de seus expoentes e das metamorfoses do campo religioso em que se projetou foi o objetivo de uma pesquisa maior que resultou na obra “Luz sobre o alqueire: itinerâncias do Espiritismo em Goiás” a ser lançada ainda neste ano. Nesse sentido, a opção por desenvolver um trabalho abarcando uma configuração de longa duração se justificou pelos silêncios instituídos em torno da temática. Isso é evidente quando reconhecemos em âmbito nacional a escassez de pesquisas relacionadas ao espiritismo, seja abarcando suas transformações e deslocamentos sócio-históricos, seja seu papel na dinâmica contemporânea do campo religioso brasileiro. No âmbito regional, inexistem trabalhos acadêmicos que esbocem uma genealogia/arqueologia do espiritismo nessa longa duração. Questão que também pode ser ampliada para as configurações da religiosidade e das estratégias utilizadas por seus adeptos na cidade de Goiás, antiga capital do estado.

---

\* Recebido em: 18.01.2013.  
Aprovado em: 23.01.2013.

\*\* Pós-Doutorando em Estudos Culturais no Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). *E-mail:* clovisbritto5@hotmail.com

Esse silêncio identificado no âmbito acadêmico motivou-nos perscrutar em que medida também pairava um esquecimento da história do kardecismo e de seus processos no campo religioso em Goiás, cuja presença existe há mais de um século. Visualizamos que os adeptos de uma “religião da escrita, do livro e da leitura” desconheciam grande parte dos itinerários de sua doutrina e de seus precursores em âmbito local, e, além disso, que os poucos registros existentes estavam dispersos. A própria Federação Espírita do Estado de Goiás tentando suprir tal lacuna instituiu o Projeto Memória Espírita com a publicação de livros que anseiam recuperar aspectos considerados significativos do movimento espírita goiano. Contraditoriamente, o volume sobre os “Primórdios do Espiritismo em Goiás”, embora reconheça o pioneirismo da cidade de Goiás e do Grupo Espírita “Chico Xavier” (mais antigo grupo ainda em funcionamento no estado), contribuiu para reforçar esses silenciamentos ao apresentar superficialmente esses trânsitos naquela localidade. Provavelmente, os autores se depararam com a dispersão e/ou o discurso da ausência de fontes, fatores que obstaculizaram o processo empírico de busca e a tessitura da narrativa.

Conosco não foi diferente, também deparamos com esses silêncios. Todavia, os não-ditos serviram de estímulo na criação de estratégias para a captação das fontes, através de um paciente desvendamento de indícios. Não é exagero afirmar que a história do espiritismo na cidade de Goiás foi esquecida, embora tenha ele ocupado um destacado lugar na cena pública. Alguns dos motivos que ocasionaram a fabricação desse esquecimento podem ser recuperados nos interstícios das relações aqui reconstruídas.

O recorte a ser instituído neste artigo consiste em visualizar o modo como as mulheres consistiram em agentes fundamentais na divulgação e consolidação do espiritismo na cidade de Goiás, recuperar alguns indícios de sua participação e retirá-las, de algum modo, dos “silêncios da história”, para utilizarmos a clássica expressão de Perrot (2005). Essa aproximação ganha fôlego na medida em que relatamos irrupções de presenças e de falas femininas em locais até então proibidos ou não familiares e que, ainda hoje, são envolvidas por muitas “zonas mudas”, relacionadas à partilha desigual dos traços, da memória e da história. Para tanto, concordamos com a autora quando afirma que esta reflexão não intenta modificar o lugar ou a “condição” destas mulheres, mas um esforço para que possamos compreendê-las melhor e, indistintamente, compreender como a dominação masculina se “naturaliza” e rever a importância da atuação feminina (aparentemente embargada) na tessitura e na invenção de tradições:

Evidentemente, a irrupção de uma presença e de uma fala femininas em locais que lhes eram até então proibidos, ou pouco familiares, é uma inovação do século 19 que muda o horizonte sonoro. Subsistem, no entanto, muitas zonas mudas e, no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória e, ainda mais, da História, este relato que, por muito tempo, ‘esqueceu’ as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento. No início era o Verbo, mas o Verbo era Deus, e Homem. O silêncio é comum das mulheres. Ele convém a sua posição secundária e subordinada. Ele cai bem em seus rostos, levemente sorridentes, não deformados pela impertinência do riso barulhento e viril. Bocas fechadas, lábios cerrados, pálpebras baixas, as mulheres só podem chorar, deixar lágrimas correrem como água de uma inesgotável dor. [...] O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. Silêncio das mulheres na igreja ou no templo; maior ainda na sinagoga ou na mesquita, onde elas não podem

nem ao menos penetrar na hora das orações. [...] Silêncio até mesmo na vida privada (PERROT, 2005, p. 9-10).

Recuperar a trajetória dos precursores do espiritismo na cidade de Goiás nas últimas décadas do século XIX consistiu em deparar com muitas presenças de mulheres cujas ações repercutiram ao longo do século XX e ainda forçam passagem. Da mesma forma, foram as mulheres que consistiram em guardiãs dessa memória religiosa, reunindo acervos documentais de seus familiares e se predispondo a compartilhar de suas lembranças e esquecimentos.

Desse modo, os pressupostos que orientaram a elaboração deste trabalho dialogam com os apresentados por Kofes (2001) quando projetou fazer da intenção biográfica um exercício etnográfico. Para tanto, a autora destaca que não narrar alguém ou algo é um mecanismo eficaz de instituí-los como “mortos” metaforicamente, de conferir uma identidade a partir da não identificação. Soma-se a esse fato, o reconhecimento de que a memória se pauta em um jogo entre lembranças e esquecimentos e, no âmbito individual, na disputa entre o que deve ser lembrado, narrado, fabricado. Questões que desembocam em embates de uma política da memória que permeia a constituição das narrativas. Nossa proposta, de certo modo, é tecer a “biografia” de uma religião a partir da reconstrução dos acidentados itinerários de seus primeiros praticantes e das especificidades do espaço social em que forçou passagem.

Ciente dessas questões tornou-se necessário perceber as estratégias mobilizadas por alguns agentes para a inserção e consolidação do espiritismo no campo religioso em Goiás e o modo como aproveitaram as exíguas chances para desenvolver tentativas astuciosas em busca de deixar, de algum modo, sua assinatura para a posteridade. Em outros termos, compete visualizar os processos cujas pistas sobreviveram na batalha das memórias. Diante desse reconhecimento, entre lembranças e ocultamentos optamos por contrastar os documentos abertos à consulta pública em diferentes instituições com a documentação pessoal de familiares e herdeiros simbólicos do legado espírita no intuito de, ao debruçarmos sobre suas singularidades, ampliarmos os horizontes da pesquisa.

De acordo com Heymann (2009), as especificidades dos acervos pessoais possibilitam tanto a análise dos conteúdos e contextos de produção dos documentos, quanto dos investimentos de acumulação, já que são submetidos não a injunções administrativas, mas aos desígnios do indivíduo. Nossa hipótese é que operar análises nos acervos pessoais contribuiria para a compreensão das cenas e bastidores que propiciaram a construção e transmissão da crença no espiritismo. No caso dos agentes, se tornou uma operação importante no intuito de compreender como conseguiram ultrapassar as barreiras impostas no campo religioso. Os acervos pessoais consultados tornaram-se um conjunto de pistas que, embora repleto de rasuras, foi fundamental para reconstruirmos alguns dos trunfos e enfrentamentos acionados pelos precursores espíritas em busca de legitimidade no espaço social e simbólico.

Por outro lado, não podemos desconsiderar que a constituição e a seleção dos documentos compartilhados por esses informantes são formas de manipulação de determinadas imagens que seu titular e herdeiros preservaram/ocultaram. Consiste em mecanismo de fixação de determinadas versões, campo de operações que seleciona, condensa e desloca inscrições fragmentárias. Os documentos, versões e construções acerca de acontecimentos reais, podem se transformar em “fonte poderosa de legitimação, com todas as incongruências aí subjacentes, que envolvem desde os silenciamentos, ofuscamentos e distorções, até a supervalorização dos

que detêm maior capital social” (FANINI, 2009, p. 6). É por isso que investigar as presenças consiste, ao mesmo tempo, em um estudo das ausências. Nesse sentido, empreendemos, muitas vezes, um esforço por revelar o que muitas fontes tentavam arbitrariamente recobrir e, por isso mesmo, cotejamos os acervos oficiais com documentos dispersos ou integrantes de outras coleções públicas e particulares no intuito de comparar e problematizar as intencionalidades, a configuração e a política dos acervos analisados.

Do mesmo modo, torna-se necessário destacar que nossos percursos partiram de um lugar de fala específico no campo científico: a sociologia. Realizamos uma análise sociológica do espiritismo na cidade de Goiás a partir dos itinerários cruzados e das estratégias utilizadas por seus adeptos no espaço de possíveis expressivos. Para tanto, somos tributários dos referenciais teórico-metodológicos de Bourdieu (1998), cujos conceitos de trajetória social e campo religioso estruturaram e estão diluídos neste texto. Como moldura e itinerário de pesquisa, as noções de campo e *habitus*, contribuem para o entendimento da atividade simbólica por meio de uma apreensão contrastiva e relacional dos agentes, legados e linguagens; ou seja, do reconhecimento de uma história sociologicamente norteada capaz de esclarecer a *illusio* como forma espaiada de crença em um dado espaço de sociabilidade (MICELI, 2003).

De acordo com Bourdieu (1996), os campos de produção cultural propõem aos envolvidos um espaço de possíveis que orientariam as buscas e definiriam problemas, referências e marcas intelectuais. Espaços que propiciam que os produtores sejam situados, datados e relativamente autônomos em relação às determinações do ambiente social e que transcendem a singularidade dos agentes, funcionando como um sistema comum de coordenadas onde mesmo que não se refiram uns aos outros, estejam objetivamente situados uns em relação aos outros. Desse modo, o campo religioso é considerado como um microcosmo social, espaço de relações objetivas entre posições. A estrutura, segundo essa concepção, é estruturante, sujeita a constantes reconstruções e integrada por fissuras onde os agentes atuam com relativa liberdade para o desenvolvimento de seus potenciais e criatividade. Por essa razão torna-se importante reconstruir o espaço social no qual os agentes encontravam-se englobados e incluídos como um ponto: “conhecer como tal esse ponto do espaço, que é também um ponto a partir do qual se forma um ponto de vista singular sobre esse espaço, é estar em condição de compreender e de sentir a singularidade dessa posição e daquele que a ocupa” (BOURDIEU, 1996 p. 15). Nesse espaço de possíveis expressivos, o autor ainda sublinha a existência da dominação masculina, ou seja, um exemplo de reprodução de práticas androcêntricas que reforçariam a construção social dos corpos como depositários de princípios de visão e divisão sexualizantes (Cf. BOURDIEU, 2005).

Seguindo essa perspectiva, a pesquisa de campo que orientou este texto foi realizada entre 2010 e 2012 nas cidades de Goiás, de Goiânia e do Rio de Janeiro. A aproximação com os familiares dos precursores do espiritismo se deu gradualmente e, por essa razão, optamos por iniciar as atividades nos arquivos abertos ao público, coletando a documentação pessoal na medida em que o herdeiro facultava o contato com suas memórias.

A reconstrução do campo religioso em Goiás e do espiritismo em particular muitas vezes se deu a contrapelo. Contraditoriamente, as ações que visavam o seu combate, explicitadas nos jornais católicos e nas cartas pastorais, contribuíram para que encontrássemos importantes indícios, retirando-o do esquecimento. Ilustrativos nesse aspecto são os documentos sob a guarda do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, em Goiânia (GO), e os exemplares dos periódicos *O Lidador* e *O Santuário de Trindade*, integrantes do

Arquivo Histórico Estadual, em Goiânia (GO), e da Fundação Educacional da Cidade de Goiás – Casa “Frei Simão”, em Goiás (GO). Além disso, foi fundamental a consulta à coleção do *Reformador* da Federação Espírita Brasileira e a revista *Tribuna Espírita*, na Fundação Biblioteca Nacional (RJ); aos jornais patrocinados pela família Bulhões, disponibilizados na Hemeroteca Digital Brasileira; e aos livros e documentos esparsos no Real Gabinete Português de Leitura (RJ), no Gabinete Literário Goiano e na Fundação Educacional da Cidade de Goiás – Casa “Frei Simão”, em Goiás (GO).

Para a obtenção e/ou confirmação dos dados sobre as trajetórias aqui reconstruídas, além dos relatos orais, recorreremos à documentação do Arquivo Geral da Diocese de Goiás, do Cemitério São Miguel, dos Cartórios de Registro Civil, de Registro de Imóveis e de Registro de Pessoas Jurídicas, Títulos e Documentos, em Goiás (GO). Por fim, é inegável a contribuição da documentação do Grupo Espírita “Chico Xavier”, de sua diretoria e de todos os que generosamente compartilharam suas memórias.

Se a princípio nos deparamos com um discurso da ausência de fontes, ao final do trajeto reunimos um considerável e variado conjunto de materiais. Todavia, tornou-se necessário uma leitura cautelosa, na medida em que reconhecemos essas informações como enviesadas, produzidas por investimentos de agentes totalmente comprometidos com esse processo. Por outro lado, graças à natureza dessa documentação que foi possível visualizar as tomadas de posição e deslocamentos dos agentes. Nesse sentido, seguimos as trilhas de Célia Arribas (2008) que também enfrentou dificuldades similares ao se deparar com uma documentação pensada e elaborada pelos próprios participantes envolvidos nas disputas do campo religioso que analisava. Como estratégia optou por confrontar constantemente os diversos dados e fatos com o auxílio da bibliografia acadêmica, “além de prosseguir metodologicamente com base em uma proposição teórica que clama incessantemente pela permanente observação crítica e reflexiva quanto do objeto em questão quanto do próprio sujeito da objetivação” (ARRIBAS, 2008, p. 16).

Além disso, reconhecendo a existência de um legado inexplorado, sempre que possível explicitamos as fontes no intuito de oferecer indícios para outros caminhos. Cientes de que a escolha por uma configuração de longa duração também oferece os riscos do superficialismo, reconhecemos que, muitas vezes, algumas questões aqui foram apenas sugeridas e que em momento algum tivemos a pretensão da exaustividade. Nosso intuito foi esboçar a narrativa de uma narrativa e que, por isso mesmo, também é composta de tensões, escolhas, silêncios. Embora na maioria das vezes nos deparássemos com fatos encobertos pelo véu do esquecimento, nossa preocupação central consistiu em destacar momentos que consideramos significativos nos itinerários do espiritismo em Goiás, especialmente sob a importância da participação das mulheres nestas passagens.

## ENTRE DOIS MUNDOS: ITINERÂNCIAS DO ESPIRITISMO E SUA DIFUSÃO EM GOIÁS

Entre o velho mundo e o novo mundo, o mundo visível e o invisível, antigas e novas interpretações do cristianismo, entre médiuns e mediunidades, termos que evocam a ideia de intermediação, de agenciamentos e de fronteiras, surgiu uma nova religião. O Espiritismo foi codificado no início da segunda metade do século XIX, período em que a Povoação do Bacalhau se tornou entreposto fiscal. Ambos são praticamente da mesma idade e, assim como

demonstramos com relação ao vilarejo que se estabelecia, o Espiritismo também pode ser concebido como uma religião do entre-lugar, pautado na mediação, no intermezzo.

Da crença nos primeiros contatos com seres invisíveis, passando pelos fenômenos das mesas girantes nos Estados Unidos, o Espiritismo como uma religião sistematizada foi codificado no século XIX, na França, pelo pedagogo positivista lionês Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), mais conhecido pelo pseudônimo Allan Kardec. A Doutrina Espírita ou Kardecismo, como também ficou conhecida, difundiu como princípios básicos a existência de Deus e do espírito, sua sobrevivência após a morte e sua comunicação com o mundo material, a reencarnação, a evolução moral e intelectual dos espíritos, a pluralidade dos mundos habitados e a lei de causa e efeito. Temáticas iniciadas em 1857 em *O livro dos espíritos* e explicitadas nas demais obras codificadas por Kardec.

De acordo com Lewgoy (2000), o Espiritismo ocupa uma posição muito particular no quadro das religiões, a princípio pelo diálogo com o ideário racionalista e cientificista, segundo por ser uma religião da cultura escrita, religião do livro, da leitura e do letramento. Conforme destacou Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (1983), uma das pioneiras da pesquisa acadêmica sobre o Espiritismo no Brasil, o mesmo tem recebido pouca atenção por parte dos estudiosos da religião. Informa que concorrem os “traços espíritas” para o “sincretismo”, contribuindo para dar origem às “religiões afro-brasileiras” e tendo em comum com estas a crença na mediunidade e nos espíritos, concluindo que suas particularidades são pouco analisadas.

Religião que a partir de 1860 encontrou adeptos no Brasil, sendo inicialmente difundida em Salvador e no Rio de Janeiro. As obras de Kardec, até então lidas em francês, começaram a ser traduzidas. Em 1866, Luís Olimpio Teles de Menezes publicou, na Bahia, sua tradução de trechos de *O livro dos espíritos* e em São Paulo, no mesmo ano, a Tipografia Literária editava *O espiritismo reduzido a sua mais simples expressão*. Em São Paulo, o Espiritismo despontava de forma incipiente, sem comparação com o vigor encontrado na Bahia e no Rio de Janeiro (MACHADO, 1996). Em 1876, as obras básicas de Kardec começaram a ser editadas em português pela Garnier. Fato também significativo consiste no lançamento da revista *O Reformador*, em 1883, que se tornaria o órgão oficial da Federação Espírita Brasileira fundada um ano depois. Inicia-se, assim, uma espécie de naturalização do sobrenatural.

As análises de Fernandes (2008) demonstram que aos poucos o Espiritismo conquistou seu espaço no campo das religiosidades do Brasil destacando que praticamente todos os aspectos sociais e culturais responderam, de alguma maneira, à sua presença: “A nossa intelligentsia, nossos magistrados, o Imperador Dom Pedro II e a Princesa Isabel, a população, o clero, os jornais, enfim, todos queriam saber ou algo falar dessa doutrina que aqui chegava com pretensões de ficar e de também mudar o trato brasileiro com a religião” (p. 77). No mesmo sentido, ressaltam o modo como os espíritas se posicionaram em momentos importantes da história do país, em especial na defesa das questões sociais do pós-1870, a saber: o abolicionismo, o republicanismo e, no início do século XX, os direitos da mulher.

No entresséculos, a Doutrina Espírita se estendeu ao interior do Brasil encontrando terreno fértil para a propagação de suas propostas, com destaque para a presença de expoentes como Caírbar Schutel, em Matão-MG, Eurípedes Barsanulfo, em Sacramento (MG), e, posteriormente, Chico Xavier, em Pedro Leopoldo (MG) e Uberaba (MG). Desse modo, seja por meio de notícias de jornais e revistas, seja devido ao contato com espíritas do Rio de Janeiro, da Bahia, de São Paulo ou a proximidade geográfica com o Triângulo Mineiro, foi inevitável

que o Espiritismo alcançasse o solo goiano, a princípio nas cidades do sul do Estado (Catalão, Corumbaíba, Cumari e Ipameri):

Com a implantação das ferrovias Estrada de Ferro Goiás, Viação Ferroviária Centro Oeste e Mogiana, houve a ligação entre os três Estados – Goiás, Minas Gerais e São Paulo. Este fato facilitava a vinda de pessoas de outros Estados e o contato com as cidades vizinhas do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. [...] À medida que a Doutrina era disseminada em Sacramento e Uberaba, outras cidades eram influenciadas pelos postulados de Kardec. Assim é que podemos citar Araguari-MG que assume posição de destaque. [...] Aquela região e os seus militantes da Doutrina Espírita exerceram papel pioneiro na divulgação e implementação do Espiritismo em Goiás (VELOSO, 2010, p. 112).

Na verdade, o Espiritismo chegou nessas cidades a partir das obras de Kardec, de matérias de jornais e revistas, e através de experiências mediúnicas realizadas em fazendas e residências, práticas que deram origem aos primeiros grupos espíritas em Goiás, geralmente familiares. Muitos desses grupos não eram registrados na Federação Espírita Brasileira, nem possuíam estatuto ou nome. Alguns eram intitulados com o nome do dirigente dos trabalhos ou da localidade.

Embora o Centro Espírita da Cidade de Goiás seja o mais antigo Centro ainda em funcionamento no Estado – o Grupo Espírita Amigos dos Sofredores, atual Grupo Espírita Chico Xavier, foi fundado em 24 de julho 1927 – muitos outros grupos surgiram antes dele, na maioria das vezes informalmente. Todavia, Goiás consistiu em uma das últimas capitais brasileiras a oficialmente abrigar um Centro Espírita. Prova essa afirmação o livro *O Espiritismo no Brasil e em Portugal* publicado por Angelini Torterolli, em 1896, que, ao realizar um balanço dos centros espíritas nesses dois países até aquela data, informa que apenas nos Estados de Goiás, Paraíba, Piauí e Sergipe, ainda não se tinha informação alguma da prática do Espiritismo. Também é importante a notícia da fundação do Grupo Espírita Amigo dos Sofredores, divulgada em *O Reformador*, na edição de 3 de outubro de 1927, ao destacar que “uma associação espírita se fundou na capital do Estado de Goyaz, onde até agora não sabíamos da existência de qualquer agremiação dessa natureza”.

Apesar de poucos os registros oficiais, ainda no século XIX é possível acompanhar a repercussão das ideias espíritas no Estado de Goiás, ideias que contribuíram para o surgimento de centros espíritas nas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, é significativo o relato do general Ewerton Quadros, primeiro presidente da Federação Espírita Brasileira, publicado em *O Reformador*. É importante visualizarmos o fato de que Ewerton era uma das figuras mais atuantes do movimento espírita do Rio de Janeiro e que, em fins da década de 1880, foi destacado para atuar no Estado de Goiás:

Spiritismo em Goyaz. Caro Alfredo, pedis-me em vossa carta última, que vos comunique alguns fatos de mediunidade, que por cá tenho observado. Bem sabeis que eu não tenho forças para resistir ao pedido de quem deseja observar fenômenos espíritas, apesar de conhecer perfeitamente que há na prática do espiritismo perigos sérios para quem não conhecer a parte teórica da doutrina. Que quer? Sou um incorrigível. [...] Em Monte Alegre, em casa do cidadão venerável Coronel Villelo, tivemos uma importante sessão de mediunidade vidente e psicográfica, em que muita gente viu seus parentes e amigos, chamados mortos, ficando todos satisfeitos. [...] Em Morrinhos tivemos duas sessões importantes de vidência, psicografia e respostas intuitivas às perguntas mentais feitas pelos assistentes, uma em casa do cidadão Hermenegildo e outra em casa do cidadão Sotero, negociantes e proprietários do lugar. [...] São os fatos de que me recorde; são poucos, mas mostram que a nossa cara doutrina tem prosélitos e crentes sinceros também por cá. Acampamento dos Sertões de Goyaz, 10 de abril de 1890. Ewerton Quadros.

Tais práticas não ocorreram sem embates, com represálias aos praticantes dessa nova doutrina que aqui se instalava, especialmente por parte das orientações dos Bispos Romanizadores no entresséculos contidas em suas Cartas Pastorais. Mensagens explicitadas nos jornais O Santuário de Trindade e O Lidador no início do século XX, período em que o Espiritismo e outras práticas espiritualistas, a exemplo das de Santa Dica em Lagolândia, ganhavam visibilidade. Nesse sentido, é destacado o posicionamento de Dom Prudêncio Gomes da Silva, Bispo que dirigiu a Diocese de Goiás de 1908 a 1921, ao optar pela reafirmação do catolicismo ultramontano de inspiração romana, eclesial e sacramental, cuja finalidade era legitimar as propostas do clero conservador, embora de modo menos convicto do que seus antecessores (SILVA, 2003).

Questões que podem ser evidenciadas em sua quarta Carta Pastoral na qual efetuou um combate ao Protestantismo, a Maçonaria e ao Espiritismo. Segundo afirmou, deve-se valorizar e defender a ortodoxia da fé contra “erros, doutrinas e seitas religiosas condenadas pela Igreja, os quais começam trabalhar para se implantarem principalmente no sul da Diocese. Referimo-nos, já percebestes, ao Protestantismo, à Maçonaria e ao Espiritismo” (SILVA, 1915, p. 1). Conforme sublinhou Ricardo Ribeiro Gomes (2004), o Espiritismo era divulgado aos católicos como uma “perniciosíssima seita, fonte de irremediáveis desgraças na família e de graves perturbações na sociedade”, orientação que teve influência direta na formação aplicada no Seminário Episcopal, além de lida e explicada nas missas celebradas em toda a Diocese.

Compete, assim, visualizarmos o modo como o Espiritismo forçou passagem na Cidade de Goiás, as estratégias utilizadas para o enfrentamento das tensões e a trajetória de alguns de seus praticantes mais destacados no período do entresséculos.

## A GÊNESE DO ESPIRITISMO NA CIDADE DE GOIÁS: PRECURSORES E PRECURSORAS NO ENTRE-LUGAR

Observamos que em Goiás, resguardadas as peculiaridades, a acomodação e institucionalização da “nova” doutrina foi similar ao estabelecido na então capital da República e nas demais cidades brasileiras. Beneficiou-se inicialmente das práticas homeopáticas, ganhou força através das experiências com as chamadas “mesas-girantes” e respaldo nas matérias de jornais, revistas e livros que ali circulavam. Ações sustentadas por membros dos círculos mais ou menos privilegiados da elite goiana que ousaram reunir forças em prol do exercício e difusão de ideias e práticas até então incomuns. Todavia, acreditamos que na cidade de Goiás a implantação do espiritismo promoveu interações *sui generis*, significativas para a compreensão das sociabilidades em um período ainda pouco estudado pela historiografia.

Conforme destacou Leonidas Garcia (2010), lançar luzes sobre a Goiás no século XIX constitui estudar uma província do sertão e deparar com discursos ambíguos que ora ressaltavam o “vazio” e o “silêncio”, ora destacavam a necessidade de integração, de geração de “progresso”, “transformação” e “desenvolvimentos regionais”. Talvez essa ambiguidade seja uma das principais especificidades do modo como o espiritismo ali foi gestado. As práticas que culminaram com os primeiros agrupamentos de pessoas interessadas no espiritismo chegaram de modo anacrônico se comparado à trajetória de outras localidades brasileiras. Prova disso é o fato de Goiás ser uma das poucas capitais que ainda não possuíam um centro espírita no final do século XIX. Nesse aspecto, a doutrina se desenvolveu em um entre-lugar: enquan-



to ocorriam seus primeiros indícios em Goiás, ela já estava presente e estabelecida na maior parte do país. Desse modo, as ideias espíritas se insinuavam entre homens e mulheres em um período de transição com debates sobre o Padroado Régio e as ideias republicanas, a escravidão e o trabalho livre, o catolicismo popular e o romanizado/ultramontano, o “isolamento” e a busca pela integração nacional. Isso ainda pode ser potencializado pelo fato de a cidade de Goiás na época ser a capital e, nesse aspecto, abrigar os grupos oligárquicos conservadores e a sede da diocese, fatores que dificultavam a inserção do espiritismo.

Segundo Ireni Mota e Eduardo Quadros (2011), o advento republicano em Goiás trouxe poucas alterações na estrutura social, econômica e política. Informam que a base do poder local continuou ser a estrutura agrária, o que favoreceu a organização coronelística, e que a Igreja seguiu a postura ultramontana ao lutar contra a aprovação das propostas liberais no parlamento preservando, assim, seu domínio. No mesmo aspecto, citando Miguel Santos, afirmam que a mudança no regime político, “com exceção da liberdade que a Igreja Católica passou a usufruir, não trouxe maiores consequências religiosas para Goiás. De modo geral, continuou o bom relacionamento entre os ‘dois poderes’, civil e eclesiástico” (p. 41). Não é por acaso que inovações republicanas tiveram dificuldades de ser implantadas na cidade de Goiás, a exemplo do casamento civil e a liberdade de culto (SILVA, 2009).

No caso do espiritismo, era realizado pelos primeiros adeptos em locais mais afastados, a exemplo das casas de veraneio, das fazendas na região do Bacalhau e das chácaras construídas nos arredores da própria cidade, especialmente a chácara da Dona Sinhá Cupertino que abrigou as primeiras reuniões que resultaram na criação do Grupo Espírita “Amigo dos Sofredores”. Reprovadas pela Igreja Católica, essas experiências eram empreendidas a princípio de modo velado, movidas pela curiosidade e pela possibilidade de se comunicar com os mortos. Do mesmo modo, as fazendas e os povoados próximos a capital se apresentavam como espaços de experimentação com lógicas próprias, muitas vezes fora do controle direto da Igreja e do Estado, lembrando que nesse período a prática do espiritismo era considerada crime.

No caso dos povoados e fazendas, tal categoria contribui para repensarmos além das divisões da antiga capital como centro do poder e os demais espaços como adjacentes ou subordinados a esse centro, mas como um entre-lugar que também possui em suas estruturas centros e margens descontinuas onde se refazem as relações. O mesmo pode ser estendido às demais cidades goianas que, embora fossem profundamente influenciadas pelas orientações políticas e religiosas gestadas na capital, também imprimiam contornos próprios. Questões evidenciadas especialmente nas cidades da região sul e sudeste do Estado, alcançadas inicialmente pela estrada de ferro, e que, segundo Nars Chaul (1999), possuíam vínculos econômicos, sociais e até mesmo culturais mais intensos com Minas do que propriamente com Goiás. O reconhecimento dessas identidades em trânsito também contribui para repensarmos que essas localidades possuíam uma cultura que em parte dialogava com as práticas da cidade de Goiás, reforçando a estrutura de poder e os vínculos com cidade, fortalecidos até a transferência da capital para Goiânia na década de 1930; e, em parte, estabelecia dinâmicas específicas a exemplo do desenvolvimento de “uma identidade cultural própria, assim como uma autonomia religiosa” pautada na cultura popular, especialmente nas “atribuições assumidas pelos leigos, homens influentes política e socialmente e, *a posteriori*, por mulheres ousadas” (BARBOSA, 2008, p. 43-52).

Nosso argumento é que essa lógica identificada nas práticas do catolicismo popular se estendeu ao espiritismo durante o entresséculos. Não apenas os espaços, mas determinados

agentes também se encontravam no entre-lugar. Seja através da aproximação ou dos vínculos de parentesco com homens e famílias política e socialmente influentes na localidade, seja na relação e na atuação de mulheres astuciosas que possuíam vínculos com a Igreja Católica e parentesco com famílias detentoras de um alto capital econômico e político na então capital, o espiritismo conquistou um espaço relativamente autônomo para se desenvolver nos arredores. São essas estratégias de (re)invenção, construídas a partir de oportunidades expressivas, profissionais e do parentesco, e os investimentos despendidos por alguns agentes que ousaram no intuito de obter ganhos possíveis em suas tentativas de praticar outra religião/religiosidade de forma pioneira, objetos de nosso interesse.

O espiritismo ganhou adeptos no Estado de Goiás especialmente em decorrência dos impactos causados pela atuação de Eurípedes Barsanulpho, no Triângulo Mineiro, e, posteriormente, pela emergência de outros trânsitos em virtude da ampliação das formas de comunicação e deslocamento. No mesmo sentido, embora os primeiros centros espíritas tenham se formado na região sul e sudeste de Goiás, não tardou para que as ideias espíritas começassem a fomentar também os noticiários da então capital. Seguindo esse raciocínio, temos indícios de que o espiritismo foi difundido na cidade de Goiás inicialmente através de matérias de revistas e jornais que ali circulavam. Muitos moradores assinavam jornais do Rio de Janeiro, a exemplo de *O Paiz* que possuía a coluna espírita intitulada “Estudos Filosóficos”, elaborada por Bezerra de Menezes, do *Reformador* e do jornal *Tribuna Espírita*. As novidades também eram compartilhadas por viajantes e por pessoas que ali se estabeleciam, além de familiares que saíam para estudar ou trabalhar na Europa ou em outras localidades brasileiras.

Nesse aspecto, antes do apito da Maria-Fumaça, torna-se necessário destacar a importância dos tropeiros no trânsito de informações e mercadorias. A escritora goiana Cora Coralina (1889-1985) destaca em suas memórias poéticas o sentimento ao ouvir em sua mocidade o longínquo cantar dos carros de bois, portadores das novidades: cartas, livros e jornais. Seus textos informam que, nos períodos em que passava com a mãe na Fazenda Paraíso, recebia jornais e romances do Gabinete: “Minha mãe era assinante do ‘Paiz’ e para nós vinham os romances do Gabinete Literário Goiano. Esperar a volta do carro, imaginar as coisas que viriam da cidade, cartas e jornais do Rio de Janeiro” (CORALINA, 2007, p. 97-98). Paulatinamente à leitura das obras e jornais com a temática espírita, outro fator que contribuiu para a sua difusão ficou a cargo das consideradas experiências mediúnicas em que se acreditava ocorrer à participação de espíritos através de efeitos físicos e psíquicos. Muitas das vezes tais manifestações eram previamente organizadas a partir de reuniões que visavam comunicações entre os mundos visível e invisível, conforme descreveu Cora Coralina:

Eram os primeiros tempos do Espiritismo em Goiás,  
suas primeiras experiências, a mesa de invocação.  
Meu tio gostava da teoria e logo fez a mesa, leve, misteriosa,  
de madeira fina e caprichada, e pôs a funcionar.  
Sempre à noite, a gente apoiava de leve a ponta dos dedos,  
concentrava, rezavam todos o Pai-Nosso, invocava-se um espírito  
escolhido da família e por meio de batidas marcadas,  
estabelecia-se conversa e identificava-se o espírito presente.  
Falavam-se em médiuns e mediunidades.  
Estava muito comentada no tempo Eusápia Paladino,  
que transmitia pela sua mediunidade

informações impressionantes do outro mundo.  
Assinavam-se revistas espíritas (CORALINA, 2007, p. 84-5).

Conforme visualizamos, se no final do século XIX e início do XX o acesso a doutrina espírita era feito a partir da leitura de periódicos e das consideradas obras básicas, não foi sem motivos que a maioria de seus pioneiros fosse pessoas escolarizadas. No mesmo aspecto, como prática proibida pelo Código Penal e reprovada pela Igreja Católica e por grande parte da classe médica, seus primeiros praticantes mantinham relações estreitas com grupos políticos e famílias dominantes da localidade, como forma de interpretar e vivenciar os princípios da doutrina e obter respaldo para sua prática. Na verdade, os registros iniciais do espiritismo na cidade de Goiás e o nome de um de seus mais antigos precursores chegaram até nós graças à escrita de Cora Coralina. Além do trecho do poema transcrito anteriormente, em que relata as primeiras experiências com as “mesas-girantes” na Fazenda Paraíso, em 1908 a escritora tornou-se colaboradora<sup>1</sup> da *Tribuna Espírita* do Rio de Janeiro com crônicas relacionadas ao espiritismo no final dos oitocentos. Desse rol, destacamos o texto “Espiritismo em Goyaz”, publicado na edição de 2 de novembro de 1908:

Dia a dia acentua-se vigorosamente o desenvolvimento da claríssima doutrina da Allan Kardec, entre os povos cultos. É com verdadeiro prazer que a vejo entrar em Goiás – onde conta muitos adeptos. O Espiritismo, segundo tenho observado, é a religião dos moços. Os velhos tendo nascido e vivido de superstições, crença do inferno, purgatório, demônios etc., jamais poderiam deixar de benzer-se e acreditar que é obra do peludo Satanás os fenômenos físicos e psíquicos que ordinariamente observam. Criados na religião católica - romana, fechando os olhos às interrogações, mudos, convictos na absolvição dos pecados à hora da morte, e confiantes no céu depois dela, não podem trocar o gozo tão almejado por dezenas de vidas de provações. Os moços abrem melhor os olhos, não aceitam a dúvida e querem a explicação do mistério. Tem o Espiritismo bases sólidas inamovíveis, inatacáveis e jamais será abalado. É uma montanha colossal, da qual Allan Kardec formou a base; ela subirá tão alto como nunca subiu a torre de Babel, e do seu cume poder-se-á um dia contemplar a perfeição da humanidade! A sua essência é tão pura, tão superior, que não deixará de atrair os que buscam a luz. É o Espiritismo em Goiás e em toda a parte que dá crença aos ateus, materialistas e positivistas. Os sofreadores, os desgraçados, os desesperados encontram na sua prática, suave e infinito alívio. O Espiritismo é, sobretudo, a religião que não tem mistério, nem interrogações mudas; não gosto de mistérios, e ante um mistério paira a minha dúvida. Prefiro cegar-me na luz a viver lutando na sombra. Allan Kardec, Leon Denis, Flammarion e tantos outros abriram, mandados por Deus, o caminho que nos levará à luz da verdade. Ante as páginas das revelações espíritas de Kardec, que brilham como se os seus caminhos fossem traçados de estrelas e de sóis, param as imprecações, a dor deixa de existir, a vingança foge, o orgulho humilha-se, as lágrimas estancam, e de joelhos abençoamos o sofrimento, que é a transfiguração purificadora da Alma, e só pelo qual podemos um dia, gozar a verdadeira felicidade! Cora Coralina (p. 3).

Todavia, dentre os textos de Coralina, a crônica “José Olympio Xavier de Barros” publicada na edição de 15 de fevereiro de 1909 na *Tribuna Espírita* é significativa. Nela, visualizamos a atuação de um dos primeiros espíritas de Goiás e da sua importância para fomentar a leitura e a prática da “nova” religião no interior do Brasil:

O nome de José Olympio Xavier de Barros está profundamente enraizado em Goiás e nunca será esquecido. Foi ele quem primeiro difundiu o Espiritismo entre os goianos; com uma teimosia admirável procurava fazer adeptos, combatendo o inferno e os demônios, explicando os fenômenos psíquicos atribuídos ao espírito do mal, desfazendo as dúvidas de um, esclarecendo a crença abstrusa de outro. Ninguém ignora quão arriscado é procurar incutir outras ideias especialmente de religião, em pessoas vividas e imbuídas do catolicismo romano, e amarradas às antigas tradições.

Pois José Olympio arrostou com todas as contrariedades e desafetos que lhe advieram e conseguiu plantar em Goiás a doutrina racionalíssima de Allan Kardec.

Secou muitas lágrimas, aliviou muitas dores, confortou muitos corações e espalhou muita resignação com as suas palavras convincentes, com os seus livros espíritas e finalmente com a sua consoladora e acrisolada crença na reencarnação.

Há dois anos que ele desencarnou, mas antes alcançou o fim ao qual dedicava todos os seus esforços ultimamente – fazer adeptos do Espiritismo. Conseguiu-o pela tenacidade, firme convicção e pela sua irrefutável lógica embebida nas obras dos mestres.

A personalidade de José Olympio liga-se as minhas reminiscências de criança. Lembro-me de que quase morria de tédio, quando escutava as suas conversas prolixas com minha mãe sobre médiuns, sessões, revelação etc., coisas que eu absolutamente não entendia.

Cerrava o ouvido às suas insidiosas divagações e concentrava toda a minha atenção na sua figura alta, magra, escatológica e angulosa de sexagenário; punha-me a analisar os seus traços, que formavam um conjunto de admirável fealdade.

A minha atenção ociosa e infantil prendia-se especialmente à sua enorme orelha quase tocando o ombro.

Um dia fez-se a luz no meu cérebro, deixei de atentar a sua grande orelha e de fiscalizar a sua estrutura original, para ouvir as suas palavras cheias de convicção e de fé. Todos os livros, jornais e revistas sobre Espiritismo ele comprava, assinava e emprestava a quem queria e também a quem não queria. Quando eu via-o entrar numa casa, noutra, carregado de livros, de folhetos, de revelações obtidas pelos nossos médiuns, dava-me a ideia de um semeador espalhando os grãos que mais tarde deviam dar frutos. As primeiras sessões em Goiás foram organizadas por ele, porém sofria muito pelo fato de não ter a sua mediunidade desenvolvida. Foi um valente o José Olympio! Os sarcasmos, os ridículos e as apóstrofes de maluco que lhe davam, não o demoveram nunca, recebia tudo com máxima indiferença e continuava a sua luta de propaganda. Espalhou uma onda de luz na crença goiana, espantando a mais absurda, a mais descabida de todas as superstições – Inferno e demônios. O resto de sua vida passou em acudir os pobres, consolar, perdoar e mostrar que o sofrimento é a prova concludente da misericórdia de Deus. Viveu a sua velhice entregue ao Espiritismo, e morreu como um verdadeiro espírita. Cora Coralina (p. 2).

Os relatos de Cora Coralina contribuíram para que a trajetória de José Olympio Xavier de Barros (1842-1907) não caísse no esquecimento. De acordo com a escritora, ele teria sido o responsável pela organização das primeiras sessões espíritas e pela propagação da doutrina em Goiás. As informações de J. Nicolau (1948) publicadas em *Goiáz Espírita* também destacam seu nome entre os pioneiros do espiritismo na cidade de Goiás. Os escassos documentos sobre sua trajetória indicam que ele era natural da antiga capital, servidor na administração dos Correios do Estado de Goiás e casado com Joaquina Xavier de Moraes, com quem teve dois filhos: José Olympio Xavier de Barros e Maria das Dores Xavier de Barros. A figura de José Olympio tornou-se emblemática na medida em que percebemos a destacada presença da família Xavier de Barros na conformação do espiritismo na cidade de Goiás. Pioneirismo dividido com dois outros espíritas: o farmacêutico Luiz Marcelino de Camargo Júnior e o poeta e juiz Manuel Lopes de Carvalho Ramos.

De modo similar como ocorreu em outras cidades brasileiras, o espiritismo em Goiás se difundiu conjuntamente com a homeopatia. Conforme destaca Nádya Mikola (2011), desde sua inserção no Brasil em fins da primeira metade do século XIX, a homeopatia sofreu influências religiosas do catolicismo e, a partir de 1860, do espiritismo com a aproximação das propostas de Samuel Hahnemann e de Allan Kardec. A pesquisadora informa que muitos médicos e farmacêuticos se voltaram ao espiritismo, especialmente os homeopatas, em virtude das confluências entre os conceitos de “força vital” e “fluido vital”: “Desta forma, muitos médicos, então espíritas, seguindo aos ensinamentos dos espíritos buscavam pautar-se na ca-

ridade, o que resultava na prática gratuita da homeopatia. Em muitos centros espíritas eram receitados medicamentos homeopáticos” (p. 9).

Na cidade de Goiás um desses difusores da homeopatia foi o farmacêutico Luiz Marcelino de Camargo Júnior (1862-1921). Nascido em Goiás em 23 de outubro de 1862, era filho de Luiz Marcelino de Camargo e Deolinda Amélia da Rocha Camargo. Realizou seus estudos de farmácia no Rio de Janeiro, tornando-se primeiro-tenente farmacêutico do corpo sanitário do exército. Trabalhou na divisão de operações em Niterói-RJ e, posteriormente, regressou à sua cidade natal. Luiz Marcelino se casou em 1897 com Leonor Iracema da Rocha Barros (Descendente da família Xavier de Barros) e teve seis filhos: Tasso, Edméa, Altair, Stela, Avany e Ana Adelaide de Camargo. Ocupou as funções de Deputado Estadual (1905-1908) e Presidente da Câmara Municipal da Capital, em 1908 (CAMPOS; DUARTE; 1998), além de membro destacado do Gabinete Literário Goiano e da Loja Maçônica “Azilo da Razão”. Em 17 de dezembro de 1912, o Decreto n.º 3.310 do Governo do Estado o nomeou boticário do Hospital São Pedro de Alcântara na cidade de Goiás.

De acordo com a documentação da botica do hospital, Luiz Marcelino encomendava significativas quantias de medicamentos do Laboratório e Farmácia Homeopática Almeida Cardoso & Cia, situado à Rua Floriano Peixoto, n.º 5-A, no Rio de Janeiro, fator que demonstra seu trânsito com os profissionais da então Capital da República. Provavelmente conheceu a doutrina espírita no período em que estudou farmácia naquela cidade e mantinha contato com essas ideias quando integrou os primeiros grupos de estudo e prática na Povoação do Bacalhau, onde possuía casa de veraneio, e na cidade de Goiás<sup>2</sup>. Segundo o jornal *O Democrata*, noticiando sua morte em 13 de dezembro de 1921, Luiz Marcelino era um cidadão prestimoso, que auxiliava aos que lhe procuravam no Hospital de Caridade e distribuía medicamentos homeopáticos aos mais necessitados.

Outro pioneiro do espiritismo no Estado de Goiás foi Manuel Lopes de Carvalho Ramos (1865-1911). Juiz de direito e poeta, ele teve uma importância fundamental na propagação das ideias espíritas primeiramente em Torres do Rio Bonito, atual Caiapônia, e depois na cidade de Goiás. Natural da freguesia de Santo Antônio de Jacobina, comarca de Bonfim, na Bahia, era filho de Antônio Lopes de Carvalho Sobrinho e Rosalina Maria Ramos. Coursou bacharelado em direito no Recife e, em 1889, foi nomeado juiz da comarca de Rio Bonito, em Goiás. Em 1891 se transferiu para a cidade de Goiás, ali exercendo a função de juiz até o ano de 1904. Carvalho Ramos, modo como assinava seus textos, se casou com a goiana Marianna Fenelon de Loyola Ramos com quem teve quatro filhos: Américo, Ermelinda, Victor e Hugo de Carvalho Ramos.

Conforme destacou Ramos (1968, p. 62), ele também possuía conhecimento de homeopatia e gratuitamente fornecia medicamentos aos moradores de Goiás: “Estudioso de homeopatia, a vida salvara a pobres e ricos, sem qualquer remuneração. Fornecia medicamentos, gratuitamente, que comprava no Rio de Janeiro. [...] Sentia-se feliz em fazer a caridade”. Paralelo a essas ações, difundia de modo expresso suas convicções religiosas na imprensa goiana, fator que contribuiu para que conquistasse uma série de desafetos. Segundo informa Luciano Melo de Paula (2007), na cidade de Goiás o juiz aliou-se ao Partido Republicano, comandado pelos Bulhões, e colaborou com a redação do semanário *O Goyaz* onde divulgava suas ideias religiosas que, por sua vez, eram veementemente criticadas pelos intelectuais católicos, especialmente Higino Rodrigues, do jornal *O Estado de Goyaz*:

Apesar das críticas e das polêmicas religiosas, Carvalho Ramos desempenhou em Goiás nos anos em que aqui esteve um papel ativo, referência cultural e propagandista das teorias espiritualistas de Allan Kardec e Vitor Hugo. Sua posição de praticante de um dogma religioso diferente não foi completamente aceita no seu tempo. Representado pelas críticas mais como um fanático, acreditava em suas posições e marcou aqui definitivamente sua permanência na história cultural da região. [...] Neste período, os colunistas d' *O Estado de Goyaz* sempre marcaram suas referências a Carvalho Ramos pela virulência do ataque ideológico e da intolerância religiosa. A ideia de que Carvalho Ramos praticasse outra religião que não a Católica Apostólica Romana parece não ser bem aceita pelos redatores do semanário, claramente vinculado ao grupo político e religioso mais retrógrado da região. O jornal *O Estado de Goyaz* era de propriedade do Cônego Inácio Xavier, líder do Partido Católico, extremamente conservador e inimigo declarado das pregações espíritas de Carvalho Ramos. Não deixa sem resposta as publicações de divulgação do espiritismo que aparecem no jornal do grupo político adversário, que mostram mais tolerantes e permitem a publicação de uma filosofia religiosa diferente. Debate ao qual Carvalho Ramos não se absterá, são constantes os seus artigos no periódico dos Bulhões, *O Goyaz*, defendendo e propagandeando a sua fé no espiritismo (PAULA, 2007, p. 58-62).

Questão que pode ser observada em seus artigos e também em seu poema épico *Goyania*, escrito em 1890 quando residia em Rio Bonito. O texto foi publicado pela primeira vez em 1891 no jornal *O Goyaz* e editado em livro pelo Governo do Estado de Goiás em 1896. Dividido em vinte cantos, merece sublinharmos que a obra foi uma das primeiras no Brasil inspiradas nas ideias espíritas. Paula (2007) demonstra como a mitologia de *Goyania* está como sistema de valores baseado no espiritismo, constituindo, assim, um fator de originalidade, especialmente nas ideias de guia espiritual, espíritos puros e impuros e de reencarnação. Além disso, merece destacarmos que o título da obra deste precursor espírita inspirou o nome da nova capital do Estado, Goiânia<sup>3</sup>.

Coerente com suas convicções, também encontramos ecos do espiritismo em seu livro *Os Gênios*, publicado em 1895. Obra declaradamente contra o materialismo, objetivava “instruir e consolar aos que sofrem e esperam resignados em um futuro de imortalidade” (RAMOS, 1984, p. 198). Dividido em três partes, os versos destacam a trajetória de reconhecidos cientistas e pensadores da história da humanidade, concluindo com um poema em homenagem a Allan Kardec. Nele, existe a seguinte epígrafe da edição francesa de *O céu e o inferno*: “Telle est la loi de la justice divine: à chacun selon ses oeuvres, dans le ciel comme sur la terre. A. Kardec. (Le ciel et l'enfer, selon le spiritisme)”<sup>4</sup> (p. 311). Esse dado sugere que em Goiás se tinha acesso às obras básicas de Kardec também na edição francesa. Do mesmo modo, ao depararmos com a listagem dos que contribuíram para a impressão de *Os Gênios*, exibida na folha de rosto, observamos que alguns dos patrocinadores são considerados pioneiros do espiritismo em Goiás (ou familiares), o que denota a existência de proximidade entre eles: Antônio Cupertino Xavier de Barros, Luiz Marcelino de Camargo e Tristão Luiz Xavier Brandão. Além disso, seus artigos e poemas circulavam em diversas outras localidades do Estado, contribuindo para a difusão do ideário espírita para além das fronteiras da então capital, a exemplo de Palma, Bonfim, Bela Vista, Santa Cruz, Catalão, Arraias, Morrinhos e Curralinho, conforme explicitado no livro.

Nesse aspecto, se é mister reafirmar a contribuição dos periódicos e livros para a divulgação do espiritismo na cidade de Goiás e para a compreensão das experiências conside-

radas mediúnicas, tal fato ganhou evidência com a atuação do Gabinete Literário Goiano. A biblioteca pública fundada em 1864 possuía em seu acervo obras filosóficas, literárias e científicas, originais em língua portuguesa, francesa e italiana, além de jornais e revistas. Tornou-se um ponto de encontro de intelectuais e interessados em discutir assuntos filosóficos e literários, a partir da promoção de conferências e discursos variados. De acordo com Valdeniza Barra (2008), o Gabinete Literário assumiu centralidade na compreensão dos movimentos de certa elite letrada em Goiás catalizadora de ideias estruturantes do século XIX, recebendo, inclusive, livros doados por Baptiste Louis Garnier, responsável pela publicação das obras de Kardec em português e sócio honorário da instituição.

Conferindo os livros de associados e a lista de movimentação de empréstimos do Gabinete é possível reconstruir importantes aspectos da história da leitura em Goiás. No que diz respeito ao espiritismo, a documentação comprova que em 1895 já estavam disponíveis para os sócios as obras *O Livro dos espíritos* e *O céu e o inferno*, e, dois anos depois, *O Livro dos médiuns*, de Allan Kardec. Visualizamos que antes dessa data tais obras já circulavam na cidade de Goiás, todavia a inserção desses livros no catálogo do Gabinete constitui em um ponto significativo no sentido de abertura para leitura e discussão de outras propostas religiosas. Sua presença tornou-se oficial, demonstrando o poder simbólico conquistado. Também é interessante observarmos que alguns associados enviavam terceiros para a locação dos livros, conforme atestam os bilhetes anexados pelo guarda-livros que integram o acervo do Gabinete, provavelmente para manter em sigilo a leitura desses referenciais. Outros efetuavam as leituras nos períodos em que se deslocavam para as fazendas, chácaras e residências nos arredores da capital.

Todavia, no caso da cidade de Goiás, merece ser reafirmada uma peculiaridade: a fundamental participação das mulheres na divulgação do espiritismo. Nos anos que antecederam a República, elas se tornaram sócias e leitoras efetivas do Gabinete Literário Goiano (Cf. BARRA, 2008), além das principais leitoras das obras espíritas. Conferindo a listagem da movimentação de obras no Gabinete observamos que as de Allan Kardec eram locadas especialmente por José Olympio Xavier de Barros, Ana Francisca Xavier Brandão, Jacintha Luiza do Couto Brandão Peixoto e Ana Xavier de Barros Tocantins. Essas mulheres integram os registros de J. Nicolau (1948) sobre as precursoras do espiritismo em Goiás:

Dada a carência de elementos precisos sobre tão importante acontecimento não podemos dizer, a rigor, qual o bandeirante do espiritismo no nosso Estado. Segundo informações fidedignas, verifica-se que foi em 1886, na cidade de Goiás, antiga capital do Estado, e uma das mais cultas, em razão mesmo de ter sido sede do Governo e de possuir o mais antigo estabelecimento secundário do Brasil Central – o Liceu de Goyaz –, que uma plêiade de senhoras da sociedade goiana iniciou as primeiras sessões experimentais. Seus nomes são os mais respeitáveis, constituindo tronco de famílias que se projetam ainda no cenário político, social e cultural do Estado: Dona Ana Tocantins, inteligência brilhante, esposa do insigne jornalista Marques Tocantins; Dona Maria Xavier de Barros, esposa do Sr. Pacífico A. Xavier de Barros; Donas Valentina Brandão e Ana Brandão, irmãs do Sr. Valério Brandão; Dona Jacintha do Couto Brandão, colaboradora eficiente do ‘Jornal do Comércio’ e outras (NICOLAU, 1948, p. 1).

Essas mulheres foram fundamentais para a difusão da “nova” religião de modo informal e suas atuações contribuíram para o estabelecimento, na segunda década do século XX, do primeiro centro espírita na localidade. Esse recorte de gênero na gênese do espiritismo

na cidade de Goiás se aproxima, em certa medida, das considerações de Lewgoy (2008) a respeito da matrifocalidade no espiritismo brasileiro: “predominou um espaço familiar antes que um espaço impessoal. Por isso, as mães e mulheres, figuras centrais na mediação familiar, são tão importantes no desenrolar das sessões” (LEWGOY, 2008, p. 86). O mesmo pesquisador, ao analisar as interconexões da doutrina com a cultura brasileira, destacou que vivemos em uma sociedade marcada por um modelo hierárquico e complementar de divisão de papéis na família. Nesse aspecto, disposições morais e espirituais estariam mais ligadas à mãe e ao feminino (ainda que não exclusivamente), enquanto figura mediadora. Daí sua importância na tessitura dessas sociabilidades (LEWGOY, 2000). Na configuração dessas relações na cidade de Goiás, a participação dessas mulheres foi fundamental, visto que integravam famílias que possuíam alto capital cultural, político e econômico, cujos membros ocupavam reconhecidos cargos no judiciário, na educação e na política da região, ou, em outras palavras, se encontravam em um entre-lugar.

Aqui nos interessa, de modo especial, retirar dos “silêncios” a participação dessas mulheres. Todavia, no caso das irmãs Ana Xavier Brandão (1869-1928) e Valentina Xavier Brandão (1871-1892) poucos indícios foram encontrados. O que podemos visualizar é que eram filhas do alferes e tipógrafo Tristão Luiz Xavier Brandão e da professora Maria Victória de Moraes Brandão, e irmãs de Valério Xavier Brandão.

Na pesquisa de Prudente (2009) é possível reconstruirmos alguns aspectos da trajetória de Maria Victória, professora das primeiras letras do sexo feminino da cidade de Santa Luzia e que, em 1884, foi removida para a cidade de Goiás, se aposentando dez anos depois. A professora era sócia do Gabinete Literário Goiano e por sua função é possível supormos que contribuiu para que suas filhas fossem ávidas leitoras. Sua filha Ana nasceu no dia 12 de junho de 1869, na cidade de Goiás, e Valentina em 14 de fevereiro de 1871, em Curalinho. Ambas eram solteiras e não possuíam filhos, participaram das primeiras reuniões espíritas na cidade. Valentina faleceu em Goiás, em 1892, aos vinte e um anos de idade. Já Ana pôde acompanhar o desenvolvimento da doutrina, tornando-se uma de suas principais incentivadoras, conforme atestam os registros de J. Nicolau (1948) e sua ficha no Gabinete Literário Goiano, cujo livro de empréstimos informa que era assídua leitora das obras de Allan Kardec. Ana residiu na Rua Moretti Foggia até o falecimento de sua mãe em 1911. Posteriormente, se mudou para a cidade de Araguari (MG), onde faleceu em 4 de outubro de 1928.

Com relação à trajetória de Jacinta Luíza do Couto Brandão Peixoto (1862-1936), tivemos a oportunidade de analisá-la com mais vagar quando elaboramos a fotobiografia de sua filha Ana Lins, conhecida pelo pseudônimo de Cora Coralina (BRITTO; SEDA, 2009). Agora, nosso intuito é destacar sua participação nas primeiras sessões experimentais, conforme evidenciam a documentação pesquisada e os próprios registros de Cora Coralina, transcritos anteriormente. Leitora assídua no Gabinete Literário, também era colaboradora do *Jornal do Comércio* e assinante de jornais e revistas. Sua primeira aproximação com o espiritismo decorreu dos artigos de Bezerra de Menezes, publicados em *O Paiz*, e de informações recebidas diretamente da França:

Era inteligente e de cultura avançada para a época. Lia espanhol e italiano, e falava francês fluentemente. Mantinha intercâmbio cultural e comercial com grandes magazines franceses; recebia da França jornais e revistas. [...] Desligada das lides domésticas, dedicava-se inteiramente à literatura, tendo repassado o acervo da Biblioteca Pública. Em seu banco, um assento baixo, de um a dois palmos de altura, passava os dias em intermináveis leituras, com



jornais esparramados pelo chão, era seu modo de ler. Assinante constante de jornais, como O Paiz, O Jornal e o Correio da Manhã. [...] Kardecista por convicção e seguidora dessa doutrina. Com entusiasmo lia para minha mãe obras de Flammarion no original, chamando atenção para as maravilhas sobrenaturais dos fenômenos espíritas (ALBERNAZ, 1992, p. 47).

Nesse contexto, também é oportuno destacarmos a atuação de Maria da Paixão Soledade e Silva, conhecida como Maria Xavier de Barros. Filha do Major José Vicente da Silva e de Benedita Gomes de Siqueira, se casou em 1889 com Pacífico Antônio Xavier de Barros. Conforme destaca Jarbas Jayme (1990) no ensaio genealógico sobre a família, Pacífico e Maria não tiveram filhos, porém, reconheceram como seus seis crianças: Mário Antônio Xavier de Barros, Pacífico Antônio Xavier de Barros Terceiro, Olívia Xavier de Barros, Felipe Antônio Xavier de Barros, Edmundo Xavier de Barros<sup>5</sup> e Antônio Cupertino Xavier de Barros<sup>6</sup>. Embora não tenhamos dados consideráveis sobre sua trajetória, ela é significativa por ter sido a matriarca da “linhagem espírita” dos Xavier de Barros.

Por fim, ainda reconhecendo o papel das mulheres da família Xavier de Barros na acomodação do espiritismo em Goiás, compete acompanharmos aspectos da trajetória de Ana Xavier de Barros Tocantins (1857-1949), visualizando suas estratégias e (entre) lugares ocupados. Nascida em Goiás, no dia 28 de maio de 1857, era filha de Joaquim Xavier de Barros e Leonor de Lemos e Moraes Jardim. Ana Tocantins ou Donana, como também era conhecida, pertencia a uma das famílias aristocráticas de Goiás com raízes no século XVIII, sendo neta do Presidente da Província José Rodrigues Jardim e prima do abolicionista e poeta Félix de Bulhões, possuindo parentesco com o grupo oligárquico dos Bulhões Jardim e com intelectuais e jornalistas na cidade de Goiás. Fator que, por si só, já a colocava em uma posição de destaque no espaço social da então capital.

Conforme sublinhou Maria Augusta de Santana Moraes (1974), essa família dominou a conjuntura política, no mais longo período oligárquico que Goiás conheceu, de 1878 a 1912, com breves interrupções. Nesse aspecto, os membros da família fundaram e dirigiram clubes políticos que defendiam as ideias republicanas, o abolicionismo e o evolucionismo, além de diversos jornais que difundiam essas ideias: *Monitor Goyano* (1866-1869), *A Província de Goyaz* (1869), *A Tribuna Livre* (1878), *Libertador* (1885) e *O Goyaz* (1885-1912). Apoiando o positivismo, o liberalismo e a maçonaria, os Bulhões constituíam uma ameaça aos interesses ultramontanos, se tornando um dos maiores adversários da Igreja em Goiás e dos bispos romanizadores (GOMES FILHO, 2009). É importante lembrar que foi em *O Goyaz* que o juiz e poeta Manuel Lopes de Carvalho Ramos difundiu as ideias de Kardec e que o jornal *O Publicador Goyano* (1885), de propriedade de Marques Tocantins, publicava textos a respeito de práticas espíritas e espiritualistas. Do mesmo modo, é significativo destacarmos a notícia do lançamento de *O Publicador Goyano* estampada no *Reformador*, em maio de 1885, o que, por si só, além de denotar as “afinidades eletivas”, demonstra um contato estreito entre os intelectuais goianos e o órgão oficial da Federação Espírita Brasileira<sup>7</sup>.

Ana Xavier de Barros se casou em 1886 com José do Patrocínio Marques Tocantins, a despeito de enorme pressão familiar. O historiador Bertran (2002) afirma que o casal conseguiu romper com seus exemplos de vitalidade as barreiras impostas pela sociedade goiana. Ele, negro, ela, branca. Ele era mineralogista, tipógrafo e importante compositor erudito e instrumentista, professor de música e organizador de bandas e coros nas igrejas da antiga capital. Ela também compositora e instrumentista, com noções de harmônio, havia estudado

canto e piano com José do Patrocínio, se tornando professora de francês, português, música vocal e piano. Ana Tocantins realizava reuniões literárias e musicais, transformando sua residência em ponto de encontro de intelectuais, tendo sua atuação marcada por versatilidade artística e coragem (RODRIGUES, 1982). Dessa união nasceram Mário, Inácio, César, Débora e Aurora Tocantins<sup>8</sup>.

Após sua viuvez, em 1889, Ana Tocantins se mudou com seus filhos para a Povoação do Bacalhau, assumindo em 8 de janeiro de 1894, o cargo de professora da escola mista daquela povoação, ficando ali até 28 de novembro de 1898 quando regressou para a cidade de Goiás. A consulta aos mapas trimestrais de matrícula da escola mista elementar informa que Donana lecionou para os filhos e netos de Belarmino Felipe do Nascimento, um dos fundadores daquele lugarejo e cujos descendentes foram, em grande parte, adeptos do espiritismo. É certo que a presença de Donana na povoação extrapolou a sua importância como regente da escola ali fundada. A professora transformou sua nova residência em reduto de intelectuais e artistas, momento em que além de apresentações de poesias, modinhas e músicas sacras, eram também discutidas e praticadas as ideias espíritas, por ela já vivenciadas na capital, em sua casa no Largo do Rosário, n.º 2. Nesse aspecto, ela se encontrava em uma posição privilegiada devido ao respaldo familiar e político dos grupos da cidade de Goiás, em virtude dos seus laços de sangue, e dos grupos coronelísticos da Povoação do Bacalhau, por ser professora. Além disso, soube se colocar em um entre-lugar, já que possuía um espaço de autoridade no campo religioso católico, solando missas e acompanhando as cerimônias com seu instrumental, e, ao mesmo tempo, difundia, veladamente, o espiritismo.

Observamos que os pioneiros e pioneiras que contribuíram para a gestação do espiritismo na cidade de Goiás se colocaram nesse lugar ambíguo, entre o trânsito e a resistência. Lentamente conquistaram um espaço no campo religioso, na maioria das vezes em decorrência dos vínculos com famílias que já possuíam representatividade política e econômica e das funções que desempenhavam. Ao mesmo tempo em que era crime praticar o espiritismo, tornava-se complicado denunciar seus primeiros adeptos: um deputado estadual, um juiz da Comarca, a esposa do Desembargador do Tribunal da Relação, as filhas do alferes da Guarda Nacional, a esposa de um tenente-coronel, a mãe do coronel e contador da Delegacia Fiscal, dentre outros que, por sua vez, traziam a energia social e as relações conquistadas em outros campos.

Apesar dessa posição fronteiriça, esses pioneiros enfrentaram duras críticas especialmente por parte da Igreja Católica, manifestas nas orientações dos bispos romanizadores. Mensagens também explicitadas nos jornais confessionais em fins do século XIX, especialmente *O Estado de Goyaz* de propriedade do Cônego Inácio Xavier, líder do Partido Católico. Aqui é importante sublinharmos que o Triângulo Mineiro, região onde o espiritismo já estava enraizado, pertencia a Diocese de Goiás, sediada na cidade de Goiás. Desse modo, não foi sem motivos que os bispos diocesanos começaram a lançar orientações tentando coibir sua prática, a exemplo das de Dom Eduardo Duarte Silva, bispo diocesano entre 1891 e 1904. Para tanto, basta consultarmos em sua autobiografia os registros sobre a presença do espiritismo em Monte Alegre, quando foi assumir a diocese em 1891:

Naquele tempo Monte Alegre era o quartel general do espiritismo introduzido pelo coronel Vilela assíduo leitor do 'Paiz' que em cada número trazia um artigo de propaganda espírita. Veio o bom coronel visitar-me a fim de converter-me e, para provar que podia ser-se católico e espírita, entregou-me cem mil réis em benefício da Igreja e pediu-me que pregasse muito contra o espiritismo, porque

os espíritos em suas comunicações lhe haviam dito que sua religião havia de ser muito combatida, mas nunca vencida. Grande foi o mal que o velho Vilela fez a toda sua família, cujos membros até hoje são fanatizados, adeptos de tão diabólica seita. Lá havia um bom católico, sobrinho de um padre, que, sendo professor público, tornou-se depois aferrado propagandista do espiritismo. Hoje, está em avançada idade em Uberaba e é lá o presidente da Associação Espírita; é o velho Chaves. Naquele lugar fui obrigado a comprar um burro para minha montaria. [...] Animal esperto e fioso, derrubou-me ao chegar ao pouso seguinte, da Ponte Lavrada, assustado pelas cangalhas e selas empilhadas que lá estavam no rancho, cuja consequência ficar eu com o dedo polegar da mão direita destroncado. Dei-lhe o nome de Allan Kardec por ter sido comprado de um espiritista e ter se vingado de mim (SILVA, 2007, p. 82-3).

De acordo com Robson Gomes Filho (2009), em fins do século XIX inicia-se uma crise política entre a Igreja e o Estado em Goiás, especialmente divergências ideológicas entre Dom Eduardo Duarte Silva e os políticos liberais da oligarquia dos Bulhões. Além desses conflitos políticos, informa que a Igreja Católica contava com disputas dentro do próprio campo religioso, especialmente devido à liberdade de culto e a presença do protestantismo e do espiritismo que se estabeleciam. Corroborando com essas informações, Maria Augusta Moraes (1974) destaca que muitos membros da família Bulhões, após realizarem seus estudos na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, voltaram com ideais positivistas de Comte e concepções de Spencer: “os Bulhões mais se aproximavam de Comte, intitulavam-se livre pensadores, evolucionistas (Darwin) e materialistas” (p. 97). Na verdade, tanto os Bulhões, quanto os espíritas, sofriam duras críticas do clero romanizador. Talvez por esse motivo seus jornais abrissem espaço para textos sobre Allan Kardec e para a divulgação dos primeiros passos do espiritismo em Goiás. No mesmo sentido, não podemos deixar de sublinhar que entre os precursores espíritas havia uma representante dos Bulhões Jardim, Ana Tocantins, que, por sua vez, também possuía parentesco com os Xavier de Barros.

Tais articulações possibilitaram que o espiritismo ganhasse terreno no entresséculos. Todavia, isso não significa que seus adeptos deixaram de enfrentar resistências por parte da Igreja e de grande parcela da população local. Na medida em que no início do século XX eram criados os primeiros centros espíritas e a doutrina alcançava maior visibilidade, saindo do âmbito familiar, a sua antipropaganda crescia na mesma proporção. Nesse aspecto, compete reconhecermos o trabalho de outros espíritas que forçaram passagem nas primeiras décadas do século XX, tentando superar barreiras a partir de estratégias e posicionamentos nesses espaços liminares. Todavia, se ampararam no legado dos pioneiros e pioneiras do século XIX criando repertórios e espaços de possíveis expressivos que resultaram na fundação do Grupo Espírita “Amigo dos Sofredores” - instalado oficialmente em 24 de junho de 1927 - e em genealogias que conformaram e ainda conformam essa religiosidade em Goiás.

## FROM CENTURY XIX TO CENTURY XXI: THE WOMEN OR “SILENCES THE HISTORY “OF SPIRITISM IN GOIÁS CITY

*Abstract: this paper displays how women constituted key actors in the promotion and consolidation of spiritism in Goiás city, recovers some evidences of their participation remove them, somehow, from the “silences of history.” As a methodological strategy we chose to rebuild life trajectories of men and women who became significant. Therefore, it was necessary using documents scattered in public and private collections, and thus rebuild those routes significant aspects of Spiritism in the city of Goiás city.*

Keywords: *Spiritualism. Women. Goiás.*

#### Notas

- 1 Conforme destacou Luciano Melo de Paula (2007), o topônimo escolhido e adaptado para nomear a capital do Estado foi retirado diretamente do poema de Carvalho Ramos, fato não devidamente registrado por parte da crônica histórica e literária da cidade.
- 2 Nas memórias de J. Nicolau (1948), o nome de Luiz Marcelino também comparece na listagem dos pioneiros espíritas da cidade de Goiás. Prova de sua importância é que neste exemplar do Goiaz Espírita sua fotografia foi publicada ao lado das fotos dos dois primeiros presidentes do Grupo Espírita “Amigo dos Sofredores”: Antônio Cupertino Xavier de Barros e José Malaquias do Nascimento. Todavia, sua esposa também teve papel significativo na consolidação do espiritismo naquela cidade. Em meio à documentação coletada, seu nome comparece na lista dos sócios contribuintes do grupo espírita no ano de sua fundação, em 1927. Além disso, em 1945 o imóvel situado à Rua Couto Magalhães (Rua do Carmo), n.º 45, primeira sede própria do grupo, foi adquirida de seu espólio.
- 3 Conforme destacou Luciano Melo de Paula (2007), o topônimo escolhido e adaptado para nomear a capital do Estado foi retirado diretamente do poema de Carvalho Ramos, fato não devidamente registrado por parte da crônica histórica e literária da cidade.
- 4 “Esta é a lei da justiça divina: a cada um segundo as suas obras, no céu e na terra. A. Kardec. (O céu e o inferno, segundo o Espiritismo)” - Tradução nossa.
- 5 Os poemas “Vida” e “Diante da terra”, presentes em Parnaso de Além-túmulo (1932), primeira obra de Francisco Cândido Xavier, são atribuídos à sua autoria.
- 6 Foi um dos principais expoentes do espiritismo na cidade de Goiás. As sessões que resultaram na criação do Grupo Espírita “Amigo dos Sofredores” ocorriam em sua residência, na Rua Padre Arnaldo, n.º 13 (atualmente Pousada Dona Sinhá). Também foi fundador e o primeiro presidente do grupo espírita.
- 7 A edição de O Publicador Goyano de 7 de junho de 1885 destacou o fato e transcreveu a nota: “Registramos com prazer as apreciações feitas ao nosso modesto periódico pelo ilustrado jornal – Reformador, do Rio de Janeiro. Diz o Reformador: O Publicador Goyano – temos continuado a receber esse importante periódico de Goyaz, notável pelos variados assumptos científicos de que com tanta proficiência se tem ocupado. Recommendamos-lhe a leitura aos nossos amigos e assignantes” (p. 4). Na edição de 9 de outubro de 1886, O Publicador informa que possui a maior tiragem dos jornais da capital, 750 exemplares, e que realizava permutas com o Reformador, do Rio de Janeiro.
- 8 Aurora Tocantins (1889-1978), apelidada de Lóia, seguiu os passos da mãe na música e no espiritismo. Freqüentadora assídua do Grupo Espírita “Amigo dos Sofredores” deixou em testamento o imóvel de sua família, onde ocorreram as primeiras reuniões espíritas em fins do século XIX, para o referido grupo (atualmente Casa de Vovó Lóia).

#### Referências

- ALBERNAZ, Ondina de Bastos. *Reminiscências*. Goiânia: Kelps, 1992.
- ARRIBAS, Célia da Graça. *Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade de São Paulo, 2008.
- BARBOSA, Raquel Miranda. *A senhora luz, a senhora guia: na festa o entrecruzar da história, religião e cultura popular na povoação do Bacalhau-GO*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Católica de Goiás, 2008.
- BARRA, Valdeniza Maria Lopes da. *Livros e leituras do Gabinete Literário Goiano na sociedade oitentista de Goiás*. *Educativa, Goiânia*, v. 11, jan/jun. 2008.

- BERTRAN, Paulo; FAQUINI, Rui. Cidade de Goiás, Patrimônio da Humanidade: Origens. Brasília e São Paulo: Ed. Verano e Takano, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRITTO, Clovis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. Cora Coralina: Raízes de Aninha. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009.
- CAMPOS, Itami; DUARTE, Arédio Teixeira. O Legislativo em Goiás: perfil parlamentar (1891-1937). Goiânia: Assembléia Legislativa de Goiás, 1998.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- CHAUL, Nars Fayad. Catalão e a República do trem de ferro. Revista UFG, Goiânia, n. ° 1, 1999.
- CORALINA, Cora. Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha. 9. ed. São Paulo: Global, 2007.
- FANINI, Michele Asmar. Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003). Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.
- FERNANDES, Paulo César da Conceição. As origens do Espiritismo no Brasil: razão, cultura e resistência no início de uma experiência (1850-1914). Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade de Brasília, 2008.
- GARCIA, Leonidas Franco. Goyaz, uma Província do sertão. Goiânia: Câne Editorial, 2010.
- GOMES, Ricardo Ribeiro. Formação eclesial: um enfoque regional – Seminário Episcopal Santa Cruz. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Formação de Docentes em História do Cristianismo), Universidade Metodista de Piracicaba, 2004.
- GOMES FILHO, Robson Rodrigues. Profeta, santo e sacerdote: o conflito da legitimidade religiosa em Goiás. Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiões, Maringá-PR, 2009.
- HEYMANN, Luciana Quillet. De arquivo pessoal a patrimônio nacional: reflexões sobre a construção social do “legado” de Darcy Ribeiro. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2009.
- JAYME, Jarbas. Famílias pirenopolinas: ensaios genealógicos. V. 5. Goiânia: Rio Bonito, 1973.
- KOFES, Suely. Uma trajetória, em narrativas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- LEWGOY, Bernardo. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, July 2008.
- LEWGOY, Bernardo. Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade

de São Paulo, 2000.

MACHADO, Ubiratan. Os intelectuais e o espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis. Niterói: Lachatre, 1996.

MICELI, Sérgio. Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura. *Tempo Social*, v. 15, São Paulo, abr. 2003.

MIKOLA, Nádia. A inserção da homeopatia no Brasil e o espiritismo como estratégia de legitimação (1860-1890). *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá-PR, n, 9, jan. 2011.

MORAES, Maria Augusta Sant'anna. História de uma oligarquia: os Bulhões. Goiânia: Oriente, 1974.

MOTA, Ireni Soares da; QUADROS, Eduardo Gusmão de. Deus, Pátria e Liberdade: um estudo sobre o Partido Católico em Goiás (1881-1909). *Ciberteologia*, v. 35, 2011.

NICOLAU, J. Primórdios do Espiritismo em Goiás. *Goiaz Espírita*, Goiânia, n.º 23, 1948.

PAULA, Luciano Melo de. Goyania, a épica romântica da conquista de Goiás. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PRUDENTE, Maria das Graças Cunha. O silêncio no magistério: professoras na instrução pública na Província de Goyaz – século XIX. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2009.

RAMOS, Manuel Lopes de Carvalho. Os gênios. In: TELES, Gilberto Mendonça (Org.). Memórias goianas. Goiânia: UCG, 1984.

RAMOS, Victor de Carvalho. Letras goianas: esboço histórico. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1968.

RODRIGUES, Maria Augusta Calado de Saloma. A modinha em Vila Boa de Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 1982.

SILVA, Maria da Conceição. Catolicismo e casamento civil na Cidade de Goiás: conflitos políticos e religiosos (1860-1920). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 46, 2003.

TORTEROLLI, Angelini. O Spiritismo no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Livraria Spirita da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade, 1896.

VELOSO, Airton. Primórdios do Espiritismo em Goiás. Goiânia: FEEGO, 2010.